

A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA DE ALINE FRANÇA EM A MULHER DE ALEDUMA

Josimeire dos Santos Brazil¹

Resumo: No presente trabalho de pesquisa se visa observar a representação contemporânea de uma escrita pautada no ato da *Memória*, seus aspectos humanos e sua relação com a crença e a cultura. Para tanto, buscamos tais comprovações através da obra de Aline França, escritora baiana, negra, que se enquadra nas perspectivas de afirmação das singularidades afro-diaspóricas. Pretendemos examinar o ideal que aponta uma identidade forjada sob o viés da escravidão materializada pelos moldes que a *história* oficial traz e se inscreve sob o signo da colonização. Neste caso, a *escravidão*, revestida pela criação da autoria feminina, afro-brasileira, assinala um cenário híbrido entre autor e ficção, num território miscigenado entre autor e obra. Propomos ainda a ideia de uma dialética *invertida* da escravidão e das memórias aprisionadas na evolução da rememoração. Para o recorte do estudo, escolhemos, portanto, o livro *A Mulher de Aleduma* (1985), obra que nos oferece um panorama da produção da autora. A metodologia será por meio da pesquisa com abordagem qualitativa do tipo documental. Nessa perspectiva, visamos contribuir para difusão sobre a escrita e a cultura afrodescendente e a reflexão desta no passado no presente e nas futuras gerações, no sentido de se promover a integração igualitária e democrática na sociedade.

Palavras-Chave: Autoria feminina afro-brasileira. Memória. cultura afro-diaspórica.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Orientador: Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: josisantosss@hotmail.com.br.

INTRODUÇÃO

As leituras de obras literárias como meio de se entender uma sociedade dá-nos a possibilidade de inferir sobre a importância do discurso da arte para aquilo que se chama identidade de uma sociedade. Tal procedimento reforça a ideia de compreensão das culturas, através de sua unidade de formação com base nas suas expressões artísticas.

As últimas décadas do século XX marcaram o fim dos desdobramentos da modernidade, ao mesmo tempo em que sinalizaram o início de um momento cuja denominação ainda promove diversos debates: a pós-modernidade. O mundo pós-moderno, segundo Bauman (1998), possui como principal característica a mobilidade em que tudo está em “[...] movimentos que parecem aleatórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada” (BAUMAN, 1998, p. 121). Não obstante, como explicita Célia Pedrosa (2015, p. 221-222), gradualmente as balizas que determinam a expressão pós-moderno perdem seu caráter classificatório “[...] para se pensar a produção artística como contemporânea, referindo-a com isso a um presente em que, para o mal ou para o bem, os valores antes considerados idealmente modernos começam a se fragilizar”.

Para Giorgio Agambem (2009), ser contemporâneo não é simplesmente uma questão cronológica, mas “[...] a capacidade singular de colocar consigo mesmo todo o instante do passado [...]” (AGAMBEN, 2009, p. 71). O exposto releva o período em que estamos vivendo a fim de entender a arte produzida em nossos dias. A literatura, segundo Sevcenko (1983, p. 20), tem por compromisso maior a fantasia do que a realidade, preocupando-se com o que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real. A literatura nos fala sobre as possibilidades que não vingaram. Corroborando com esse historiador, Samuel (1986, p. 10) diz que a imaginação é a base geral de todas as formas

artísticas, ela é a matéria sobre a qual a arte trabalha, e, por ser imaginativa, a arte ainda que tenha alcançado uma condição de pós-autonomia em relação à realidade, continua presente em um mundo autônomo, onde circundam em órbita, por vezes, de modo bastante desalinhado, elementos históricos, políticos e culturais. Isso porque, como imaginação, a arte transpõe sua imanência à realidade, ao mesmo tempo em que se mantém costurada a ela, criando outra realidade possível para dialogar com a realidade concreta.

Sob estes parâmetros procuramos entender a manifestação artística baiana pelo viés da escrita literária contemporânea, dentro dum determinado espaço ideológico de interconexão entre literatura discurso e identidade nas e pelas artes, pois como ressalta Rancière (2009), a articulação entre a realidade e a ficção presente na literatura passa também para outras formas de arte e reafirma ainda a importância de se *ficcionar* o real, a fim de propor a reflexão sobre o real. Isto se dá porque os modos de conexão entre a razão dos fatos e a razão da ficção passaram por um processo de redefinição, no qual “Escrever a história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade” (RANCIÈRE, 2009, p. 58).

Nessa perspectiva, as concepções e o caráter classificatório de uma literatura que se intenciona nacional, com caráter abruptamente hegemônico acusam um local de fragmentos que se quer para uma dialética, que abre rasuras e impõe um local da enunciação transgressivo, de subjetividades que demandam as múltiplas vozes e deslocam, desse modo, o eixo hegemônico a partir do contexto marcado pela crise de paradigma e pela desconstrução das bases teóricas e ideológicas que por muito tempo foi o sustentáculo do pensamento ocidental.

Assim, esta pesquisa busca observar a representação contemporânea de uma escrita pautada no ato da *Memória*, seus

aspectos humanos e sua relação com a crença e a cultura em que se permite aquilatar a relação do eu e do outro no espaço imaginário representativo de um povo. Para tanto, buscamos tais comprovações através da obra de Aline França, escritora baiana, negra que se enquadra nas perspectivas de afirmação das identidades afro-diaspóricas. Para além, procura-se examinar o ideal que aponta uma identidade forjada sob o viés da escravidão, que se materializam pelos moldes que a *história* oficial traz e se inscreve sob o signo da colonização. Neste caso, a *escravidão* é revestida pela criação da autoria feminina, afro-brasileira, assinalada num cenário híbrido entre autor e ficção, num território miscigenado entre autor e obra. E sendo assim, se afirma numa dialética transgressora, de uma cultura afro-diaspórica, num resgate de arquivos da experiência negra, atestado pelo ato da criação. “A obra de Aline promove a recuperação do negro [...]” (CÂNDIDO, 1990, p. 2).

A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA DE ALINE FRANÇA

A escrita literária afro-brasileira das últimas décadas nos tem conferido um vasto campo fértil de possibilidades, seja na prosa ou na poesia, e é certo que estas “vozes” começam a entoar um eco cada vez mais forte.

Em se tratando de escrita de autoria feminina, confere-se a grande expressividade no labor e na criação que algumas autoras demonstram com a palavra. É pelo olhar do escritor e da escritora e de sua propriedade da palavra que a linguagem é inventada, reinventada e posta em evidência. Vistos com mais afinco, alguns fenômenos como a composição da arte literária, em que a arte da escrita afro-brasileira desconstrói as fronteiras entre a ambivalência individual e coletiva, no qual o/a autor/a se coloca dentro do próprio ato de criação, conjugado ao ato de recordar.

Em se tratando da matéria de criação, amalgamada às concepções da memória, subjugada por uma dialítica da história oficial e das inscrições sobre as rasuras ficcionais, a escravatura surge como ferramenta de permanência desse signo que percorre os caminhos da colonização e retém a atmosfera atual e vívida da escrita de Aline França. Nesses termos, vale ressaltar que:

[...] mais importante do que o próprio passado, portanto, é sua influência sobre as atitudes culturais do presente. Por razões apenas em parte enraizadas na experiência imperial, as velhas divisões entre colonizador e colonizado ressurgiram em acarretado uma postura defensiva, além de vários tipos de combate retórico e ideológico e uma hostilidade latente muito capaz de desencadear guerras devastadoras (SAID, 2011, p. 54).

Nesse intento, sob o signo dos eventos passados, atualizam-se pelo gesto da palavra presente, aspectos étnicos e estéticos de vertentes contemporâneas que usam as estratégias narrativas como ferramentas para dar visibilidade à memória e, por que não assim dizer, como um impulso de reconstrução da própria história.

“Aline, por querer sair um pouco da explicação tradicional cientificista do negro, dá-lhe essa resposta, mediante a ótica do romance ficcional. Foi a maneira que encontrou para protestar contra a situação calamitosa em que o negro se encontra no Brasil e em outras diásporas” (CÂNDIDO, 1990, p. 2).

Desse modo, os signos da memória se edificam nos percursos da linguagem no qual a escritora circunda a escravidão que se materializa conforme os moldes que a história nos traz. No entanto, essa escravidão transgride através da matéria ficcional, daí a concepção de uma escravidão revestida, a saber, a escravidão que traça os percursos da ancestralidade e se firma em um *eu* que se constrói e desconstrói-se no caminho da liberdade através da matéria escrita.

A escritora Aline França nasceu em Teodoro Sampaio em 1948, mudou-se para Salvador na década de 1970, por conta de uma aprovação em um concurso público e passou a trabalhar na Universidade Federal da Bahia como telefonista. Em 1982 foi eleita à suplência de vereador, também em Salvador. A partir daí, a autora começou a integrar e interagir com vários movimentos ligados às questões culturais e afro-brasileiras. Lançou, em 1978, seu primeiro livro, a novela *Negão Dony*, e, em 1981, o livro *A Mulher de Aleduma*, participou da *Antologia Poetas Baianos da Negritude* em 1982 e *Os Estandartes*, em 1995. A história da literatura afro-brasileira pode ser compreendida através da escrita de Aline França, uma vez que a escritora, por meio da sua narrativa ressignifica a realidade e cria balizas de sustentação para compreensão de uma subjetividade pautada na cultura, na identidade, nos movimentos discursivos que colocam em evidência dois polos: memória da escravidão e a inscrição de uma escravidão *invertida*. Ou seja, a ideia de uma dialética *invertida* da escravidão que se quer, ora memórias aprisionadas na evolução da rememoração, ora libertárias uma vez que esta atinge tão alto grão de lucidez e subjetividade que se confronta, se desloca e acaba significando liberdade pelo evento intrínseco da linguagem. Tudo isso surge como possível pelo ato transgressor da escrita criativa.

É nessa atmosfera que buscamos comprovações para nossas análises. Para o recorte do estudo, escolhemos, portanto, o livro intitulado *A Mulher de Aleduma* (1981), obra que pode nos oferecer um panorama da produção da autora para que se possa entender sua escrita contemporânea, de uma narrativa que apresenta fraturas da figura autoral, como facilitadores do processo de criação e de mecanismos estratégicos, na composição de uma literatura afro-brasileira/diaspórica. Apresenta-se através de fatores de coloquialidade, revisitando as rasuras da memória, o cotidiano do universo feminino e afro-brasileiro, através de originalidade e liberdade criadora.

Neste contexto, com o propósito de refletir acerca da produção ficcional baiana e contemporânea de Aline França, da condição da escritora e sua forma de percepção da sociedade na contemporaneidade, através desses pressupostos de Agambem (2009), é que nos propomos a tal estudo. Para tanto, tais conceitos serão problematizados, inicialmente, a partir da reflexão de textos que discutem a temática como, *Tudo que é sólido desmancha no ar* (BERMAN, 1986); *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (AGAMBEN, 2009); *O mal-estar da pós-modernidade* (BAUMAN, 1998). Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social* (SANTOS, 1994). Pretendemos também refletir acerca da relação entre produção e autoria através da leitura, inicialmente, dos seguintes textos: *O que é o autor?* (FOUCAULT, 1992); *O demônio da teoria* (COMPAGNON, 1999); *El Espacio Biográfico: Dilemas de La Subjectividad Contemporânea* (ARFUCH, 1999); *Antibiografias?* (ARFUCH, 1999); *A Identidade cultural na pós-modernidade* (HALL, 2006); estudos sobre Literatura Afro, tais como, *Parágrafo. Dossiê “Comunicação e Desigualdades”* (HILL COLLINS, 2017); *O que é lugar de fala?* (RIBEIRO, 2018); *Memórias da Plantação (Episódios de racismo)* (KILOMBA, 2019); *Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro brasileiro (Pensamento feminista brasileiro)* (CARNEIRO, 2020); *Tornar-se Negro* (SOUZA, 2021), dentre outros.

Deste modo, nosso objetivo geral é analisar o processo de representação da Memória afro-brasileira, de cunho autoral na criação da obra em evidência, buscando o diálogo entre realidade e ficção na contemporaneidade, como estratégia na construção da narrativa e seus respectivos aspectos discursivos numa interface entre a escrita feminina literária e o gênero autobiográfico de representação e memória. Como objetivos específicos, temos: demarcar os elementos da contemporaneidade na escrita ficcional da autora; estabelecer o instituto da escrita e de criação de uma estética afro-nacional; destacar o papel da linguagem literária

dentro do espaço ideológico feminino, bem como sobre a cadeia discursiva na qual estamos envolvidos enquanto sujeito histórico-cultural e social; verificar e interpretar a criação da escritora Aline França, dentro do campo fértil da escrita contemporânea que se apresenta como obra de arte, possuidora de valor estético e de uma identidade nacional; verificar o ciclo discursivo que insere num determinado modelo ideológico de criação artística dos “intelectuais” da escrita baiana, contemporânea afro-brasileira e contribuir para a fortuna crítica da autora.

Vale ainda ressaltar que nossa metodologia dar-se-á pela investigação desenvolvida por meio da pesquisa com abordagem qualitativa do tipo documental, pois se pautará em considerações subjetivas, sendo que tomaremos a obra literária enquanto testemunho. Seguindo o pensamento de Goldenberg (2003, p. 10) no que se refere à pesquisa qualitativa, temos: “[...] as abordagens qualitativas não se preocupam em fixar leis para se produzir generalizações”. Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social. Assim, buscaremos compreender a ação social através de uma leitura atenta das obras em evidência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se, portanto, ao final de todo processo entre pesquisas e resultados, ao se propor a análise de uma obra de autoria feminina e negra, que se atualiza como uma literatura de identidade nacional, afro-brasileira, demarcar as estratégias de confecção do texto, na perspectiva da vibração autoral, da memória, da histórica, da resistência e da coloquialidade, nos valem, assim, da ideia de contexto e de situação de produção e dos elementos históricos, ideológicos e sociais para definir as

peculiaridades da obra e as ressignificações dos fatos. Pretende-se ainda evidenciar o papel de representatividade da autora nas concepções de criação contemporânea. Discutir e estabelecer os recortes que apontam a obra em evidência junto ao conceito de contemporaneidade e dentro das perspectivas de Giorgio Agamben (2009), ao discutir “[...] uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este, ao mesmo tempo, dele toma distância, mais precisamente, essa é a relação com o tempo que este adere, através de uma dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Tais questões parecem-nos, pois, de importância imediata para a reflexão acerca do próprio sentido da arte na contemporaneidade e da Crítica Cultural. Neste sentido, julgamos que a pertinência e a relevância social desta pesquisa expliquem-se pela possibilidade de que nossos estudos possam, eventualmente, potencializar os debates sobre a inscrição da obra afro-brasileira no cenário da literatura nacional, nas concepções que fazem jus à cultura dentro de uma perspectiva da diversidade, para a educação no sentido de se promover a integração igualitária e democrática na sociedade, acentuar e firmar a produção cultural feminina afrodescendente.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesk. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 55-76.

BERNARDET, J-C. *Brasil em tempo de cinema*. São Paulo: Cia das Letras, 1978.

BAUMAN, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CÂNDIDO, Jorge. *Instituto de Pesquisa das Culturas negras*. Rio de Janeiro. 1990.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elizabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992. FRANÇA, Aline. *A mulher de Aleduma*, 1981.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu; LOURO, Guacira Lopez. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. 34. ed. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Exo Experimental, 2005.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

SAMUEL, Rogel. *Manual de teoria literária*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

RUFFATO, Luiz. *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. *In: Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.